

PADRE NARCISO

Dr. José Roberto do Amaral Lapa

Para quem subisse a Rua Regente Feijó, do lado esquerdo, no meio da quadra acima da Catedral, havia um velho prédio de paredes amareladas, onde a imprensa diocesana mantinha sede.

Um ou dois degraus, abaixo do nível da rua, davam acesso ao balcão. Ali, esperava-me para a entrevista um homem, cuja palidez era aquela que realmente convinha a um padre. A sua voz era grave e pausada, como a esconder aquela ameaça de sorriso que depois, ao longo dos anos, compreendi ser muito difícil surpreender na suavidade do seu rosto.

Se bem me lembro a idéia da entrevista partira do então cônego Agnelo Rossi. Era preciso dinamizar a imprensa católica da cidade e para tanto se convocava um jornalista bissexto para conhecer o padre Narciso Ehrenberg.

À sua primeira explicação aceitei o diálogo com uma pedra em cada mão, agredindo sem reservar o ranço que ensopava aquela imprensa de poucos leitores, constituída ingenuamente num bom veículo de divulgação para o comunismo, sobre o qual a matéria se derramava ocupando o maior espaço das páginas.

Entretanto, a provocação se desmanchou surpresa, pois o padre concordou em tudo com o que dissera. A partir daí foi um pequeno passo para nos tornarmos muito amigos. Contou-me ele a sua experiência de militância pelo interior da Itália, quando acompanhava, numa velha lambreta, o Pe. Lombardi na montagem dos comícios de desafio fronteiro e direto ao Partido Comunista italiano, então em grande expansão.

Eram tempos aqueles em que não se podia sequer sonhar com a expectativa de que pudesse aparecer um papa como João XXIII que provocasse a abertura ecumênica da Igreja Católica. Estava ela muito longe de nos satisfazer — aos moços daqueles dias — quer pelas soluções que nos propunha, pelos seus processos de proselitismo, pela sua mundividência enfim.

O padre Narciso apareceu então como alguém que quebrava inteiramente a nossa prevenção contra a paternal bonomia que exalava da sotaina.

Fazia-se necessário, desde logo, convocar os amigos, para que também conhecessem aquele padre que finalmente falava a nossa linguagem e o que nós queríamos ouvir. Um punhado de moços em busca de respostas para as interrogações que os inquietavam.

Começamos uns poucos: católicos e não católicos, cépticos e indiferentes, para um contacto semanal com alguém excepcionalmente firme para a nossa insegurança, tranqüilo para as nossas angústias, culto para as nossas indagações. Alguém que, em sendo padre, não se despojava em nenhum momento do seu voto sacerdotal, mas trazia contudo dentro de si muito das nossas aflições e um pouco também de nossa perplexidade diante do mundo e de nós próprios.

Nas tardes de sábado, passamos a nos reunir numa das salas do velho Palacete São Paulo num debate franco que muitas vezes se iniciava por fatos corriqueiros da cidade, que já se anunciava com as ameaças que hoje se concretizaram sobre o difícil exercício da vida urbana.

O número daqueles debatedores cresceu rapidamente, foi preciso mais de uma vez mudarmos de local. Houve reuniões no salão da igreja do Cambuí, como houve também o refúgio de alguns dias numa fazenda em Jaguariúna, onde as reflexões ou mesmo a oração que foi possível arrancar de cada um, marcou com certeza as nossas vidas para sempre.

Os problemas analisados nessas reuniões eram de tal teor, que não demorou muito para que alguém fosse soprar aos ouvidos de D. Paulo que havia um padre a promover encontros subversivos com um grupo de moços. Mas, o pastor conhecia bem o seu padre. Não deu qualquer ouvido aos intrigantes. Antes, estimulou o nosso diálogo, desacreditando a rasteirice dos fofoqueiros. De outra feita, um grupo de bem intencionados marianos compareceu a uma de nossas reuniões e saiu escandalizado com a natureza dos assuntos que ali eram tratados. Afinal, do que se falava em aqueles colóquios, para causar tal arrepio na tradicional família campineira? Simplesmente dos tabus de então, que hoje em dia, essa mesma família não consegue impedir que entrem por baixo de sua porta ou pela antena do seu telhado, através dos meios de comunicação de massa. Eram então ocorrências, para as quais se institucionalizara a indiferença ou a ignorância, como se elas não existissem...

As nossas preocupações desciam à necessidade de um congraçamento ecumênico, à falaciosa politização de um populismo massificador, ao homossexualismo e aos desvios que se pronunciavam no inchaço que a cidade ia revelando, ou ainda à ética profissional problematizada por médicos, advogados, professores e engenheiros que confidenciavam ao padre e aos seus interlocutores os dramas de sua vivência e as fricções nas relações comunitárias e sociais que tornavam mais tensa a aventura diária numa cidade que assistia impassível à poluição moral dos seus padrões de cultura.

Essas lembranças me assaltam agora sob o abalo brutal da morte do padre Narciso. Tenho certeza de que todos que o conheceram têm um depoimento semelhante a dar, não só por força das trágicas circunstâncias de sua morte, mas pela vida que ele trazia dentro de si, exteriorizada sempre no tom grave de suas palavras.

Acredito que tivesse escolhido uma chácara para sua morada, para poder conseguir a quietude necessária às suas reflexões e ao carinho com que se entregava por inteiro à sua ação.

Entretanto, a fúria assassina que se abate sobre a cidade foi alcançá-lo naquele refúgio, interrompendo-lhe a missão. A sua ausência empobrece muito àqueles que tiveram a ventura de se enriquecer com a sua inteligência e a sua bondade. Mas, também diminui esta cidade, a quem ele deu anonimamente muito de suas preocupações e do seu trabalho, para tentar obstaculizar o rápido processo de desumanização que a envolve, ao ponto de não ter sequer poupado a vida de quem tanto a queria.